

F u r u n d u m !
Canções e cores de carinho com a vida

carlos rodrigues brandão
escreveu as cores

rubens matuck
pintou as canções

*quero a palavra
que sirva na boca
dos passarinhos*

Manoel de Barros

*As palavras que escutava
eram pássaros no escuro ...
Pássaros de voz tão clara
Voz de desenho tão puro ...*

Cecília Meireles

Como foi que isso nasceu

Foi assim. Nós dois gostamos muito de tudo isso: da vida e dos barulhos bons e das cores da vida. De semente na terra esperando abril para virar o comecinho de uma árvore. E de tudo o que, saindo um dia de uma semente, é vivo e comparte com todos nós a alegria de ser parte da maravilha da vida: a planta, desde a florzinha pequenina até um jequitibá desses com vontade de encostar os galhos no céu. E os bichos, qualquer bicho: paca, tatu, capivara, minhoca, beija-flor, vagalume, vaca, macaco, anta, onça e papagaio.

E foi por causa de um bicho, de uma ave, de uma arara, de uma ararinha azul que nós acabamos nos conhecendo. Vejam vocês, um pássaro lá na caatinga do Nordeste, bem longe (bom, a não ser que você more “aí” no Nordeste) e nem sabendo que ia fazer duas pessoas serem amigas a ponto de acabarem escrevendo e desenhando um livro juntas.

Fomos os dois e mais alguns amigos a um lugar na beira do rio de São Francisco. Lá, entre outros bichos da caatinga, vive uma última “ararinha azul”. Pois todas as outras como ela foram sendo presas para serem levadas longe. Para serem vendidas e presas em gaiolas e viveiros.

E foi lá, andando por aqueles caminhos em busca de uma última arara azul livre, voando pelo céu azul como ela, para ajudar ela a encontrar um companheiro, que resolvemos fazer juntos este **furundum!** Um livro com desenhos de aquarela e palavras de poesia com um nome que na verdade não quer dizer coisa nenhuma dessas que existem por aí no mundo que a gente vive, no mundo que a gente pensa. Uma palavra que parece que nem existe e nasceu pra não dar nome a coisa alguma. E que por isso mesmo, quem sabe? bem poderia servir para dizer o nome de todas as coisas.

Entre Carlos e Rubens e entre Rubens e Carlos, combinamos que um faria os escritos e outro os desenhos. Se tudo aqui tem vontade de ser poesia sobre a vida e suas gentes, plantas, bichos e até nós, então que vocês leiam e vejam conosco esses poemas de palavras e desenhos que não querem ser outra coisa senão isto mesmo: **canções e cores de carinho com a vida.**

E **furundum** pra todos nos!

É isso aí!

(o que tem pra ler e pra ver)

bem lá dentro
cantorio do sertão
um
dois
três
quatro
cinco
seis
coisa de comer
o eco e o oco
o zelo do mato
de quatro pernas
ora veja!
sequência
uma
outra
e outra ainda
vivamentos de abril
a gralha esquecida
a moça com as aves
quatro avoantes
um que voa
um que canta
um que pinta
um que pensa
tudo quanto
cantorio pra flauta
cavucagens
eis aí!
no brejo no mato e no pasto
no brejo

no mato
e no pasto
no claro da noite
dentro dela
mas, como?

o começo do claro
manhã de mim
na rede da varanda
sentindo o sentir
arvoredo
o jardim da saúde
o povo do canto e do céu
a semente
um passarinho piador
araurutau
euzinho
furundum!
até logo, gente amiga ...

Bem lá dentro

Num lugar
Bem profundo
A semente
Guarda isto:
Um mundo.

A semente
Escondida
Esconde um ser
Pequenino:
A vida.

Você já pensou
(e pensou porque?)
Que uma semente
Algum dia
já foi ... *Você?*

Cantorio do sertão

Um

No meio da noite
saindo do sono
a coruja abre o olho
e olha pro mundo.
E ela olha pra quê?
pois se o olho
que olha o mundo
é o mundo que o
olho vê!

Dois

O que seria, menino
De uma onça amarela
Se as manchas
Que o pelo tem
Fugissem da pele
Dela?

Três

Lá no céu e no mato
No cerrado ou no sertão
Uma andorinha só
Não faz verão.
Igual como na igreja
No cemitério
Ou no oratório
Um urubu sozinho
Não faz velório.

Quatro

Pra você eu revelo
O segredo secreto
Do mundurucu:
No escuro da noite
O boitatá tem medo
Do minhocuçu.

Cinco

Serenou a floresta
E cantou tão sentido
Do alto do galho
O pássaro sofrê.
E cantava tão lindo
E foi pra ninguém.
Ele sabe o que canta
E entoa com arte.
Mas canta pra quê?
E canta pra quem?

Seis

Lá na Amazônia
O canto de cores
Do Uirapuru
Colore o silêncio
E a azula a folhagem
Do Cupuaçu

coisa de comer

fruta flor raiz
ou carrapicho
a terra boa cria
cada coisa de comer
pra alimentar cada bicho.
E no mato não nasce
Coisa que a vida
Não coma.
Pois o que sobra do homem
Comem os bichos
Que o homem come.

O eco e o oco

E no silêncio
Sem nome e dono
Ecava o eco
E ocava o oco:
Um na sua toca
E outro no toco.

Depois ... silêncio
(ah! Como é bom!)
Como se fosse
Dentro dum ovo.

Mas de repente
No comecinho
Do repeteco
De novo o novo:
Ecava o oco
E ocava o eco.

Então um disse:
Agora chega!
E o outro grita:
Pra mim é pouco!

E adeus silêncio
tão silencioso
(tava tão bom!)
pois noite afora
um na sua toca
e outro no toco:
ecava o eco
e ocava o oco.

O zelo do mato

Sabe de uma coisa?
(você sabe ou não sabe?)
se o mundo não acaba
e nem fica mais triste
(mas será que não fica?)
e nem feio ou doente
ou pior: moribundo
(mas será que não fica?)
é porque o tempo todo:
de noite ou de dia
no escuro ou no claro
com sol ou com chuva
no alto ou no fundo
os bichos e as plantas
estão sempre cuidando
com zelo e carinho
da casa do Mundo.

De quatro pernas

Anta mico e onça preta
Caxinguelê e caitetu
Sagui gambá capivara
Paca cotia e tatu

Lobo guará e ariranha
Porco-do-mato e preá
Sussuarana e preguiça
Bugio sagui e sauá
Jaguar e jaguatirica
Veado ouriço-caixeiro
Teiú e tamanduá.

Você que tem duas pernas
Para um pouco pra pensar
Nessa gente tão bonita
Que tem duas e outro par.

Antes tinha muito mais
Agora tem mais ou menos
E alguns tem menos que mais.
Será que essa gente toda
Uma dia vai se acabar?

Você que vive pensando
Pare um pouco pra sentir:
Pra que a vida dessa gente
Viva feliz junto à nossa
O seu jeito de viver
Será que não existe nada
(nada, nada. Nada mesmo!)
que a gente possa fazer?

Ora veja!

Será? Siriema disse
Pra traíra lá do poço:
Que o preá sobe em poste
Que mico muda de galho
Que tucano voa longe
Quando aponta jacaré?
Que cobra come deitada
E onça come sentada
Preguiça dependurada
E tamanduá come em pé?

Será? A traíra disse
pra siriema do campo:
que entre os bichos do mundo
tal como com o bicho-homem
assim como homem-e-mulher
metade faz o que pode
metade faz o que quer?

Sequência

Uma

No começo da noite
O claro da lua cheia
Brilha como um mundaréu.
Mas no meio da pressa
Das seis horas da tarde
Correndo ... correndo
(pra onde? Pra quê)
Quem é que se lembra
De olhar para o céu?

Outra

Mas a onça na toca
No meio da mata
No claro da noite
Leva mesmo
Uma hora e meia
Namorando
Deslumbrada
A luz no céu
Da lua cheia.

E outra ainda

O lobisomem
Coitado dele
Tem medo do lobo
E do homem.

Vivamentos de abril

Vamos lá! Cante comigo:
Viva o limão e o sorvete!
Viva o sal e viva o mel!
Vamos lá! Mais forte, amigo:
Viva quem nasce e nasceu
Em trinta de fevereiro
De mil-novecentos-e-agora!
Viva você nós e eu!
Viva de dia o que é noite
Viva de noite o que é dia
E antes da noite ir embora
Viva o sol! Viva a alegria.
Vamos lá! Grite comigo:
Viva quem foi e quem volta!
Quem dorme e quem tá na rua
Quem brilha na noite escura
No sol da sombra da lua!

Vamos lá, com toda a força:
Viva tudo o quanto havia
No romper dos nove-fora!
Viva o que mói e o que amúa
E quem planta colhe e come
Do que a terra dá de graça
Pra quem nunca esquece disso
E pra quem nem sempre agradece!
Viva vocês nós e tu!
Vamos lá! A hora é agora!
Viva tudo o quanto existe
Ou que não existe e aparece
Aqui, depois e ante-ontem!
Viva no alegre o que é triste
Viva o rastro do caapora
Viva o rabo do tatu
Viva nós, vocês e tu
Viva viver o que viva
Pela vida, vida afora!

A gralha esquecida

A gralha azul azulava
Meio céu do Paraná.
Ia e vinha e avoava
Pegava um pinhão no bico
No claro do meio-dia
Furava o chão, enterrava
Aqui, ali e acolá.
Cobria com a terra fofa
Ia embora e se esquecia
E o pinhão ficava lá.

Chuva da grossa e da fina
Vinha a chuva de janeiro
Molhava o som e inventava
Ir chover noutro lugar.
Uma mês passava e outro vinha
Da terra escura surgia
De repente, bem ligeiro
(mas sem pressa de chegar)
um feixe de folhas verdes
um verde-vida: um pinheiro.

Primeiro um raminho a toa
Mas era só esperar
Por um março e outro abril
(pois tempo passando voa
como se fosse um instante)
e o pinheirinho crescia
como nunca já se viu.
Ficava “desse tamanho”!
Dava sombra, pau, pinhão
Dava a casa e a comida
Dava cantiga no vento
Forrava de vida o chão.

Agora vocês me contem
- minha amiga, meu irmão -
vejam que acontecimento:
como é que coisa tão linda
como é que coisa tão grande
pode chegar desse jeito
nascendo do esquecimento?

A moça com as aves

Dava miolo de pão
Aos passarinhos
E por um instante
Lá no parque
Elas fizeram nele
Um ninho.
O seu corpo
Cobriram de mil asas
E na moça moraram
Como em casa.
Mas bastou um gesto
Assim: um movimento
Só e o bando alado
Foi-se embora
E voou da moça
Ao lar do vento.

Quatro avoantes

Um que voa

É tão ligeiro
O colibri
Que já está lá
E ainda aqui.

Um que canta

Melhor ainda
É o sabiá
Que canta aqui
E se ouve lá.

Um que pinta

Anda tão serelepe
A saíra sarará
Só porque pintou
De verde as penas
Cor de araçá!

Um que pensa

Chorava a coruja
No alto do toco
Só porque
Olhando do alto
O longe de tudo
Ela cismava
Que o Mundo
É pouco!

Tudo quanto

Tudo quanto é belo brilha
Brilha brilha brilha e brilha
No país de bem com a vida.
Brilha azul, brilha vermelho
Brilha lilás e violeta
Amarelo e maravilha.

Tudo quanto brilha é belo
Belo belo belo e belo
Quando brilha o bem da vida.
Brilha vermelho e a azul
Brilha violeta e lilás
Maravilha e amarelo.

Cantorio pra flauta

Saruó saruí saruá
A cotia a raposa e o gambá.
Saruá saruí saruó
Curiango chan-chan curió.
Saruê saruí saruí
O mutúm a perdiz e o nhambú
Saruú saruê saruí
Siriema peitica e sagui.
Saruú saruó saruê
Capivara calango e sofrê.

Cavucagens

A gente nem imagina
(e pra que imaginar?)
mas quem cavar sem descanso
um buraco sem parar
chega no fundo ... ou na China.

Quem cava um buraco fundo
(tem cada gente no mundo!)
na casca dura do chão
na casca amiga da terra
chega já fundo ... ou Japão.

Eis aí!

O esquilo
É isto
Ou aquilo?

No brejo no mato e no pasto

No brejo

A perereca soletra
Todo o dia
O que de noite
Cantarola a gia.
E o sapo coaxa
De manhã
O que de tarde
Tagarela a rã.

no mato

Nem bem
Amanhece
E no galho
Da cabreúva
O urutau acorda
E se estremece.
Uai! Já é dia
Ou só parece?

E no pasto

Dizia pra um
O outro boi:
O melhor capim
É o que já foi...

No claro da noite

Antes de ir pra noite
A tarde arruma a vida
Varre a casa do mundo
E acende a vela.
A noite chega acesa
A lua luz no brejo
E o cantorio dos sapos
Noite adentro
Cantarola com a harpa
Das estrelas.

Dentro dela

A alma da vida
Tem cara de menino

E na vida de tudo
Mora um sonho dele:
Es-con-di-di-nho ...

Mas, como?



Um passarinho ontem me espiava
E pensava - mineiro - desse jeito:
Se esse bicho-gente não tem asa, uai
Como a gente-de-pena desse mundo
Como é que ele vai pra onde ele vai?

O começo do claro

De madrugada
Com a arte da artesã

A luz acende a vela
E a chamazinha
Clareia a casa
da hora da manhã.

Manhã de mim

Toquei de manhãzinha
No orvalho do capim.
Minha mão me amanheceu
Com cheiro do alecrim.

Na rede da varanda

Meu coração menino
Se arvora de preguiça.
Ele se apressa todo
Pra hora do sossego.

Ele olha pro céu
E vê um lago com um barco
Voltando do outro lado.
Ele olha pro lago
E vê um mato carregado
De bicho e de arvoredo.
Ele vira pro lado e cai no sono.
*Vou dormir de novo
Que ainda é cedo!*

Sentindo o sentir

Não apressa o sentir
da hora do momento.
Não apressa nada
com a pressa do repente:

nem o sonho da terra
e nem o doce e lento
trabalho da semente.
Não apressa a vida
Não pensa em nada
E sente só esse bem
De ser sentente.
Não fala nada sério
E nem decora o que
O coração não quer lembrar:
Porque nem sempre
O sentimento gosta
De pensar o que ele sente.

Arvoredo

O pau-d'óleo o jatobá
Sibipiruna canela
Suinã e jacarandá
Oiticica e paraiba
O pau-alto o tamboril
Bordão-de-velho e angico
A imbuia e o pau brasil
A embiriba e o chauá

O pau-pombo e o pau rosa
Seringueira e camará

Jequitibá e angelim
O cedro e a madeira-nova
O bálsamo e o pau-marfim
A araucária e a peroba
Capiúba sapucaia
Quina cedro e suinã
Pau-de-canela e uvaia
Primavera quaresmeira
O murico e o muricó
A peroba e a aroeira

A paineira o babaçu
O pau-de-colher o pau-ferro
Camuzé cupuaçu
Tamarindo e perobinha
Pau-de-jangada e embaúba
O pinheiro a pitombeira
Lacre caixeta e campeche
A algaroba e a mangueira
Pau-canudo e macaúba

A canafístula e o mogno
A cássia e a caribeira
Tento pau-d'arco e ipê

Guaririba e goiabeira
(me ajuda a contar, você!)
Cajazeiro e o buriti
Pitangueira e fruta-pão
Lagarteiro e o açaí
Palmeiteiro e jatobá
Xique-xique e mangostão
Sinamomo e burití
Laranja e pé-de-limão

O jardim da saúde

Malva sávia e maravilha
A salsa o louro e a lavanda
Sete-sangria e artemísia
Cravo congonha e tomilho
Mama-cadela e espelina
Angico salsaparrilha
Fitolaca e camomila
Erva-mate e madressilva

Cataúba e catuaba
Cevada gerânio e rosa
A manjerona e a mangaba
Ora-pro-nobis coentro
Erva-de-santa-luzia
A segurelha o alecrim
Tanchagem poejo e endro
O confrei e o caiubim

Cipó-cururu e arruda
Inhame e ver-pombinha
O corefócio e a carqueja
Erva-cidreira e roxinha.
O cominho e o araticum
Quina tinguí azedinha
Urucum urtiga e aneto
Erva-doce e douradinha

O capim corobobó
Comani mangericão
Borago hortelã babosa

Erva-de-tiú e limão
Erva-de-passarinho
Cominho e erva-tostão
Curare mate e mastúrcio
Pequi e arroz-com-feijão

O povo do canto e do céu

Papa-capim caga-cebo
Saíra-de-sete-cores
Alma-de-gato canarinho
Manuelzinho-da-coroa
O João-congo e o sanhaço
Pinhé curiango e anu
Gaúna bico de lacre
Coração-de-boi colerinho
Martim-pescador e nhambu
Arapacu e socóí
A viuvinha e a freirinha

Papa-mosca e bem-te-vi

Tucano garça e socó
Tiê-sangue e periquito
João-de-barro emaritaca
João-da-noite mãe-da-mata
Inhuma pardal xororó
Passo-preto e siriema
Caturrita e bacurau
Pomba-do-bando e jaú
Tiziu saracura e ema
Tesourinha e pica-pau
A peitica e o peixe-frito
Caburé sofrê e urutau

Quero-quero e beija-flor
Fogo-apagou gralha azul
Asa-de-anjo e biguá
Maritaca irerê sabiá
Agua real e urubu
A garrincha e o trinca-ferro
Calafate e colibri
Frango-d'água tico-tico
Pomba-do-campo e do mato
Patativa e a juriti
Maracanã e matraca
E o falcão quiriquiri

A cambaxirra e o fim-fim
Pula-pula e pia-cobra
Marido-é-dia e chumpim
Juruviana e codorna
A limpa-casa e o quenquém
Graveteiro maluquinho
O carcará e o chacuru
O gente-de-fora-evém
Gaturamo gurinhatã
O tangará e o asa-branca
Vira-bosta tucanuçu
Cochicho, curió e cançã.

A semente

Somente
A mente
De um ser
Tão bom
Pode criar
Do sentimento
Um bem
Tão grande
Como a semente

Somente

Um dom
Cheio de vida
Como a semente
Pode gerar:
Da vida a terra
Da terra a planta
Da planta a flor
Acontecida
De seu amor
De flor e fruto
Dentro do sonho
Que há na mente
De uma semente
Cheia de vida.

Se um deus não há
Dentro de quem
Existe o gesto
Que sente e sonha
Nascer da terra
Tudo o que brota
Da maravilha
Da força viva
De uma semente?

Mas se há um deus
Onipotente

Que cria tudo
Com o seu poder
Mas se um deus há
Que tudo cria
Com o seu amor
Como um presente
Do dom da vida
Se um deus existe
Eterna-mente
Ah! Pode crer
Que ele algum dia
já foi semente.

Um passarim piador

Um passarinho vagaroso pia
Uma canção que o vento quis ouvir.
E o vento, eco, ecoa o canto
E afina a flauta no oco da viola.
Ele canta com a alma um canto fino
E no sopro enrola e desenrola
Um segredo que eu sei e conto agora:

*Em todo o passarinho há um menino
Que, quando voa ... voa e vai embora
Viaja um mundo e meio num momento.
Pois tanto podem no menino e na ave:
O canto e o pio o amor e o sentimento.*

Furumdum!

E ocava no vão de um vôo fundo
O oco sem-começo de outro mundo.
E era tudo e todos e nenhum
E era outro e o mesmo e o sim e o não
E era alto e baixo e claro e noite
E ecava o oco e o eco ocava
Como um furo no escuro do sertão!

E ara! E ora! E a era não chegara
E era tanta espera e – coisa rara –
Quem de nada não sabia perguntava:

*O quê? E quando? E onde? Aqui? Agora?
E quem sabia calava e não sabia
E no meio da hora meditava:
Isso é assim ou foi e não é mais?
E pro eco do oco fundo alguém dizia:
O que se faz se quem não veio foi embora?
E quando atrás do quando não tem quem?
E na casa do nada tem ninguém?*

E foi a dança sem-fim do dois com o um
Ao som de coisa alguma ... como um zero
À esquerda da soma de nove com nenhum.
E de longe - de tão longe como o nunca -
Vinha um eco de sombra e trovoada
De trovejo de trovão de raio e chuva
Trovoando trovejando furundum!
Enquanto ocava o eco e ecava o oco
Trovejando trovoando furundum!

araraurutau

quando a arara cala
sono do silêncio
do urutau
embala a mata.

euzinho

eu era tão pequeno
tão pequeno: pequenino
que de repente cresci
e nem senti.

até logo, gente amiga

já era de noite
e eu vinha vindo
o dia amanheceu
e a vinda ... ainda.
de noite de novo
e eu vou indo

eu já na ida.
quem é que não acaba:
a estrada ou a vida?